

LIVRO UM DA SÉRIE CARNE E FOGO



Galera

UMA
SOMBRA
NA
BRASA

AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

JENNIFER L.
ARMENTROUT

LIVRO UM DA SÉRIE CARNE E FOGO

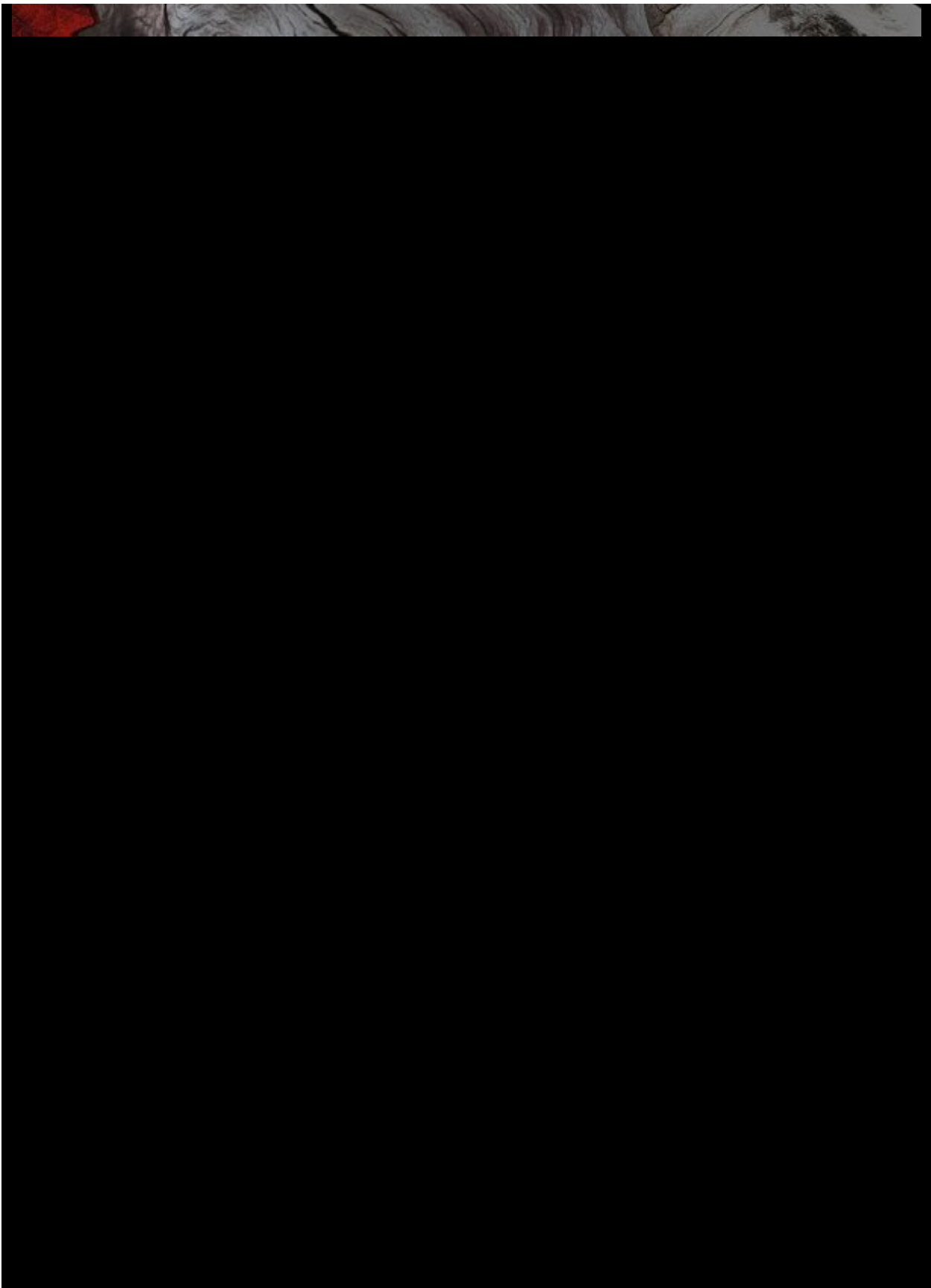


Galera

UMA
SOMBRA
NA
BRASA

AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

JENNIFER L.
ARMENTROUT



JENNIFER L.
ARMENTROUT

UMA
SOMBRA
NA
BRASA

Tradução
Flavia de Lavor

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2023

CAPA

Capa adaptada do design original de Hang Lee

TÍTULO ORIGINAL*A Shadow in the Ember***REVISÃO**

Mauro Borges/ Neuza Costa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A76s

Armentrout, Jennifer L.

Uma sombra na brasa [recurso eletrônico] / Jennifer L. Armentrout; tradução Flavia de
Lavor. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera, 2023.
recurso digital

Tradução de: A shadow in the ember

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5981-264-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Lavor, Flavia de. II. Título.

22-81840

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

A Shadow in the Ember © 2021 by Jennifer L. Armentrout

Direitos de tradução mediante acordo com Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agencia
Literaria, SL.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora
foram assegurados.

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA GALERA RECORD LTDA.Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a
propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5981-264-6

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Dedicado a você, leitor.



Sumário

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Agradecimientos



Prólogo

— Você não vai nos decepcionar hoje, Sera. — As palavras vieram de algum lugar em meio às sombras do aposento. — Você não vai decepcionar Lasania.

— Não. — Entrelacei as mãos para deter o tremor persistente e respirei fundo. Prendi o fôlego e observei meu reflexo no espelho encostado na parede. Não havia motivos para ficar nervosa. Soltei o ar lentamente. — Não vou desapontá-la.

Respirei fundo outra vez, de maneira comedida, mal reconhecendo a pessoa que me encarava de volta. Mesmo sob a luz fraca e bruxuleante dos inúmeros candelabros espalhados pelo pequeno aposento, eu podia ver que minha pele estava tão corada que quase não conseguia distinguir as sardas salpicadas nas bochechas e nariz. Certas pessoas chamariam o rubor de viço, mas o verde dos meus olhos estava muito luminoso, ardente demais.

Como meu coração continuava acelerado, prendi a respiração novamente, como Sir Holland me ensinou a fazer quando parecia que eu não conseguia respirar — quando não conseguia controlar o que estava acontecendo comigo ou ao meu redor. *Inspire, devagar e com firmeza. Prenda até sentir seu coração desacelerar. Expire. Prenda...*

Não funcionou como de costume.

Meus cabelos tinham sido escovados até que o couro cabeludo começasse a arder. Ainda formigava. O cabelo louro-claro estava meio puxado para cima e preso de forma que os cachos caíssem pelas minhas costas. A pele do meu pescoço e ombros também estava corada, e imaginei que fosse do banho perfumado que fui obrigada a tomar horas antes. Talvez

fosse por isso que achava tão difícil respirar. A água estava tão perfumada de óleos que temia agora cheirar a alguém que tivesse se afogado em jasmim e anis-doce.

Continuei perfeitamente imóvel e respirei profunda e lentamente. Fui cuidada quase até morrer de dor após o banho. Tive os pelos arrancados com pinça e cera de todos os lugares, e só o que aliviou a ardência foi o bálsamo esfregado nas minhas pernas, braços e aparentemente em todo o resto. Prendi a respiração mais uma vez, resistindo à vontade de desviar o olhar do meu rosto. Já sabia o que veria, o que era, bem, praticamente *tudo*.

O vestido — se é que podia ser chamado de vestido — era feito de um chiffon transparente e nada mais. As mangas, que tinham pouco mais do que alguns centímetros, repousavam sobre meus braços, e o tecido fino cor de marfim havia sido drapeado e enrolado frouxamente ao redor do meu corpo, com a cauda tocando o chão. Odiei aquele vestido, o banho e a preparação que veio depois disso, embora entendesse o propósito.

Eu deveria atrair, seduzir.

Um farfalhar de saias se aproximou, e exalei lentamente. O rosto da minha mãe surgiu no espelho. Não éramos nada parecidas. Eu me parecia com meu pai. Sabia disso porque olhei tantas vezes para o único retrato que restava dele até perceber que também tinha sardas e um queixo tão protuberante quanto o meu. Nossos olhos também eram iguais — não apenas a cor, mas a mesma inclinação nos cantos externos. Era por causa daquele quadro, escondido nos aposentos privados da minha mãe, que conhecia o rosto do meu pai.

Os olhos castanho-escuros da minha mãe encontraram os meus no espelho por um breve instante e em seguida ela caminhou ao meu redor, com a coroa de folhas douradas na cabeça brilhando sob a luz das velas. Ela me estudou, procurando por um fio de cabelo fora do lugar, por um defeito ou sinal de que eu não era a noiva habilmente preparada nos mínimos detalhes.

O prêmio prometido duzentos anos antes de eu nascer.

Minha garganta ficou ainda mais seca, mas não me atrevi a pedir água. Uma tinta rosada havia sido aplicada nos meus lábios, dando-lhes um acabamento úmido. Se eu os estragasse, minha mãe não ficaria nada satisfeita.

Examinei seu rosto enquanto ela ajeitava as mangas do vestido. As rugas finas nos cantos dos olhos pareciam mais profundas do que no dia anterior. A tensão clareava a pele ao redor de seus lábios. Como sempre, suas feições eram indecifráveis, e eu não sabia muito bem o que procurava. Tristeza? Alívio? Amor? O tilintar das correntinhas de ouro fez meu coração bater ainda mais forte.

Vislumbrei o véu branco que alguém entregou a ela, o que me fez pensar no lobo branco que havia visto à beira do lago anos atrás, quando estava pegando pedras por algum motivo bizarro que não conseguia lembrar agora. Considerando seu magnífico tamanho, imaginei que ele fosse um dos raros lobos kiyou que às vezes vagavam pelos Olmos Sombrios que cercavam os terrenos do Castelo Wayfair. Encarei a criatura, temendo ser dilacerada. Mas tudo o que ele fez antes de se afastar foi olhar para a pilha de pedras nos meus braços como se eu fosse uma criança idiota.

Minha mãe colocou o Véu da Escolhida sobre minha cabeça. O tecido frágil pairava em torno dos meus ombros e então se assentava de modo que apenas meus lábios e queixo ficassem visíveis, com a cauda caindo pelas minhas costas. Mal conseguia enxergar por trás do tecido fino quando as correntinhas foram colocadas acima dele para mantê-lo no lugar. Aquele véu não era tão grosso quanto o que eu costumava usar sempre que estava perto de Sir Holland ou de alguém que não fosse da minha família, e também não cobria completamente meu rosto.

Você pode não ser a Escolhida, mas nasceu nesse plano, envolta no véu dos Primordiais. Uma Donzela como os Destinos prometeram. E deverá deixar esse plano tocada pela vida e pela morte, Odetta, minha velha ama, dissera certa vez.

Mas, por outro lado, eu me parecia com os Escolhidos — os terceiros filhos e filhas nascidos em um manto e destinados a servir ao Primordial da Vida em sua Corte. Passei a vida inteira escondida atrás de um véu e, mesmo tendo nascido em um manto e sido tratada como a maioria dos Escolhidos de muitas maneiras, eu também era a Donzela. O que eles estavam destinados a se tornar após a Ascensão era a maior honra que poderia ser concedida a um mortal em qualquer reino. Haveria celebrações em todo o reino em preparação para a noite do Ritual, durante o qual eles Ascenderiam e entrariam no plano do Iliseu para servir aos Primordiais e deuses. Meu destino era o segredo mais bem guardado de toda Lasania.

Não haveria festas e banquetes. Hoje à noite, no meu aniversário de dezessete anos, eu me tornaria a Consorte do Primordial da Morte.

Senti um nó na garganta. Por que eu estava tão apreensiva? Estava pronta para isso. Pronta para cumprir o acordo. Para ir até o fim com o que nasci destinada a fazer. Precisava estar.

Uma parte de mim imaginou se os Escolhidos ficavam nervosos na noite do Ritual. Imagino que sim. Qualquer um ficaria nervoso na presença de um deus menor, ainda mais de um Primordial — seres tão poderosos que se tornaram fundamentais para a própria estrutura da nossa existência. Ou talvez ficassem simplesmente emocionados por finalmente cumprirem seu destino. Já os vi rindo e gargalhando durante o Ritual, com apenas a metade inferior do rosto visível, nitidamente ansiosos para começar um novo capítulo em suas vidas.

Eu não estava nem rindo, nem gargalhando.

Inspire. Prenda. Expire. Prenda.

Minha mãe se inclinou sobre mim e disse:

— Você está pronta, Princesa Seraphena.

Seraphena. Era tão raro ouvir meu nome completo, e eu nunca o tinha ouvido acompanhado do título oficial. Foi como se um interruptor tivesse sido acionado. Em um instante, o estrondo do meu coração parou e a pressão diminuiu no meu peito. Minhas mãos se firmaram.

— Sim, eu estou.

Através do véu, vi a Rainha Calliphe sorrir, ou pelo menos mover os lábios. Jamais a vi sorrir *de verdade* para mim, não como sorria para meus meios-irmãos ou para o marido. Mas apesar de ter me carregado no ventre durante nove meses e me trazido ao mundo, jamais fui dela. Jamais fui a Princesa do povo.

Sempre pertenci ao Primordial da Morte.

A Rainha me deu mais uma olhada, afastou um cacho que havia caído sobre meu ombro e saiu do cômodo sem dizer mais nada. A porta se fechou atrás dela, e todos os sentidos que eu havia aperfeiçoado ao longo dos anos se intensificaram.

O silêncio no aposento durou apenas alguns segundos.

— Irmãzinha — veio a voz. — Você está tão imóvel quanto uma das estátuas dos deuses no jardim.

Irmã? Repuxei o lábio de nojo mal disfarçado. Ele não era meu irmão — nem de sangue, nem por laços afetivos, embora fosse filho do homem com quem minha mãe se casou logo após a morte do meu pai. Não tinha nem uma gota de sangue da linhagem Mierel, mas, como o povo de Lasania não sabia do meu nascimento, ele se tornou o herdeiro. Em breve ele seria Rei, e eu podia apostar que o povo de Lasania enfrentaria uma nova crise mesmo depois que eu cumprisse o acordo.

Mas por causa de sua reivindicação ao trono, ele era um dos poucos que sabiam a verdade sobre o Rei Roderick — o primeiro Rei da linhagem Mierel e meu ancestral —, cuja escolha desesperada para salvar seu povo não apenas selou meu destino, mas também condenou as futuras gerações do reino que pretendia proteger.

— Você deve estar nervosa. — Tavius estava mais perto. — Sei que a Princesa Kayleigh está. Ela está preocupada com a nossa noite de núpcias.

Tirei as mãos da cintura e olhei para ele em silêncio.

— Prometi a ela que seria gentil.

Tavius parou diante de mim. Com cabelos castanho-claros e olhos azuis, era considerado bonito por muitas pessoas, e aposto que a princesa de Irelone pensara o mesmo ao conhecê-lo, acreditando que não havia nenhuma garota tão sortuda quanto ela. Duvidava muito que ainda se sentisse assim. Observei Tavius me rodear como um dos enormes falcões prateados que muitas vezes avistava acima das árvores dos Olmos Sombrios.

— Duvido que receba a mesma promessa *dele*. — Mesmo através do véu, pude ver seu sorriso malicioso. *Senti* seu olhar. — Sabe o que dizem sobre ele, por que nunca foi pintado nem teve o rosto esculpido em pedra. — Tavius abaixou a voz, enchendo-a de uma simpatia fingida. — Dizem que é monstruoso, que sua pele é coberta pelas mesmas escamas das bestas que o protegem. Que tem presas no lugar dos dentes. Você deve estar apavorada com o que precisa fazer.

Não sabia se o Primordial da Morte era coberto de escamas ou não, mas todos eles — tanto deuses quanto Primordiais — tinham caninos afiados e alongados. Presas afiadas o bastante para perfurar a carne.

— Você acha que o beijo de sangue vai lhe dar um prazer enorme como certas pessoas dizem? — provocou. — Ou causar uma dor terrível quando ele cravar os dentes na sua pele intocada? — Ele engrossou a voz. — Provavelmente a última opção.

Eu o detestava mais do que aquele vestido.

Tavius voltou a andar, me rodeando e tamborilando o dedo no queixo. Senti a pele arrepiada, mas permaneci imóvel.

— Por outro lado, você foi treinada para levar isso até o fim, não foi? Para se tornar sua fraqueza, fazê-lo se apaixonar e depois acabar com ele. — Ele parou diante de mim outra vez. — Sei a respeito do tempo que passou sob a tutela das Amantes de Jade. Então talvez não esteja nervosa — prosseguiu. — Talvez você mal possa esperar para *servir*... — Ele ergueu a mão na minha direção.

Peguei seu pulso, cravando os dedos nos tendões. O corpo inteiro de Tavius estremeceu, e ele praguejou.

— Se tocar em mim, vou quebrar todos os ossos da sua mão — alertei. — E então vou garantir que a Princesa não tenha nenhum motivo para temer a noite de núpcias ou *qualquer* noite que esteja condenada a passar ao seu lado.

Tavius retesou o braço e olhou de cara feia para mim.

— Você tem tanta sorte — rosnou ele. — E não faz a menor ideia.

— Não, Tavius. — Eu o empurrei para trás, um lembrete de que meu treinamento não consistia apenas no tempo passado com as Amantes. Ele tropeçou, mas recuperou o equilíbrio antes de esbarrar no espelho. — É você quem tem.

Ele bufou e esfregou o pulso, mas não disse nada quando me postei ali novamente. Havia falado a verdade. Poderia quebrar seu pescoço antes mesmo que ele tivesse a chance de erguer a mão contra mim. Por causa do meu destino, eu era mais bem treinada do que a maioria dos Guardas Reais que o protegiam. Ainda assim, ele era tão arrogante e mimado a ponto de tentar fazer alguma coisa.

Eu até que esperava que ele fizesse.

Tavius deu um passo adiante, e eu comecei a sorrir.

Uma batida na porta o impediu de seguir em frente com qualquer ideia idiota que tivesse lhe ocorrido. Ele abaixou as mãos e gritou:

— O que foi?

A voz nervosa da dama de confiança da minha mãe cruzou a porta.

— Os Sacerdotes esperam que ele chegue em breve.

Tavius me lançou um sorriso zombeteiro quando passou por mim. Dei meia-volta.

— É hora de você se tornar útil pela primeira vez na vida — provocou.

Ele abriu a porta e saiu lentamente, sabendo que eu não responderia na frente de Lady Kala. Qualquer coisa que eu fizesse na frente dela seria relatada à minha mãe. E ela, por algum motivo esquecido pelos deuses, se importava com Tavius como se ele fosse digno de tal afeição. Esperei até que desaparecesse por um dos muitos corredores escuros e sinuosos do Templo das Sombras, localizado nos arredores do Bairro dos Jardins, no sopé dos Penhascos da Tristeza. Os corredores eram tão numerosos como os túneis ali embaixo, conectando todos os Templos na Carsodônia, a capital, ao Castelo Wayfair.

Lembrei-me da mortal Sotoria, de quem os íngremes penhascos receberam o nome. A lenda diz que ela estava colhendo flores ali quando caiu do precipício depois de ter sido assustada por um deus.

Talvez não fosse o momento mais oportuno para pensar nela.

Levantei as saias diáfanas do vestido, me virei e caminhei descalça pelo chão frio.

Lady Kala parecia um borrão no corredor, mas percebi que ela rapidamente virou a cabeça para o outro lado.

— Venha — chamou, começando a andar antes de parar. — Consegue enxergar com esse véu?

— Um pouco — admiti.

Ela estendeu a mão para trás e passou o braço pelo meu. O contato inesperado me fez estremecer, e de repente fiquei grata pelo véu. Como qualquer um dos Escolhidos, minha pele não deveria tocar a de outra pessoa a menos que tivesse alguma relação com os preparativos. Era bastante revelador que Lady Kala tivesse tocado em mim.

Ela me guiou pelos corredores tortuosos e intermináveis, cheios de portas e numerosas arandelas de velas incandescentes. Estava começando a me perguntar se Lady Kala estava perdida quando a silhueta sombria de duas figuras silenciosas vestidas de preto surgiu por trás de um par de portas.

Sacerdotes das Sombras.

Eles haviam levado o voto de silêncio para outro nível, tendo costurado os lábios. Sempre imaginei como os sacerdotes comiam ou bebiam. Levando em conta os corpos fantasmagóricos e emaciados sob as vestes pretas, o método que usavam não estava funcionando muito bem.

Reprimi um tremor quando cada um dos Sacerdotes abriu uma porta, revelando uma grande câmara circular iluminada por centenas de velas. Um terceiro Sacerdote apareceu de repente e tomou o lugar de Lady Kala. Seus dedos ossudos não tocaram minha pele, mas pressionaram o meio das minhas costas. O contato ainda me incomodava e fez eu querer me afastar, mas sabia que não deveria recuar da frieza daqueles dedos, que se infiltrava pela fina camada de tecido. Forcei-me a respirar fundo e olhei para as gravuras entalhadas na pedra lisa: um círculo com uma linha no centro. O símbolo preenchia cada ladrilho de pedra. Nunca tinha visto aquilo e não sabia muito bem o que significava. Ergui o olhar para o amplo estrado diante de mim. O Sacerdote me levou pelo corredor, e voltei a sentir uma pressão no peito. Não olhei para os bancos vazios. Se eu fosse realmente a Escolhida, aqueles bancos estariam cheios da nobreza do mais alto escalão e as ruas lá fora, repletas de vivas e aplausos. O silêncio da sala gelou nas minhas veias.

Só havia um trono antes, feito da mesma pedra que o Templo. A pedra das sombras tinha a cor da hora mais escura da noite e era um material maravilhoso, que podia ser polido até refletir qualquer fonte de luz e amolado até virar uma lâmina afiada o bastante para perfurar carne e osso. O trono era lustroso, absorvendo o brilho da luz das velas até que a pedra parecesse estar repleta de fogo escuro. O espaldar havia sido esculpido no formato de uma lua crescente.

A forma exata da marca de nascença que eu carregava logo acima da omoplata esquerda. O sinal revelador de que, mesmo antes de nascer, minha vida nunca fora minha.

Hoje à noite, havia dois tronos.

Quando eles me conduziram para o estrado e me ajudaram a subir os degraus, desejei imensamente ter pedido aquele copo de água. Fui levada até o segundo trono, sentada ali e então deixada sozinha.

Pousei as mãos no apoio do trono e examinei os bancos ali embaixo. Não havia sequer uma alma presente de toda Lasania. Ninguém sabia que suas vidas e a vida de seus filhos dependiam daquela noite e do que eu precisava fazer. Se descobrissem que Roderick Mierel — aquele que as histórias de Lasania chamavam de Rei Dourado — não havia passado dia e noite nos campos com o povo, cavando e raspando as terras devastadas pela guerra até que revelassem um solo limpo e fértil, que não havia semeado a

terra ao lado dos súditos, construindo o reino com sangue, suor e lágrimas... Se soubessem que as canções e poemas escritos sobre ele haviam sido baseados em uma fábula, o que restava da Dinastia Mierel certamente ruiria.

Alguém fechou as portas, e meu olhar seguiu até os fundos da câmara, onde distingi as silhuetas obscuras da minha mãe e de Tavius sob a luz das velas. Havia uma terceira figura ao lado deles. O Rei Ernald. Minha meia-irmã, a Princesa Ezmeria — Ezra — estava ao lado do pai e do irmão, e eu não precisava ver sua expressão para saber que odiava todos os aspectos daquele acordo. Sir Holland não estava presente. Gostaria de ter me despedido dele, embora não esperasse que estivesse ali. Sua presença suscitaria muitas perguntas entre os Sacerdotes das Sombras. Revelaria demais.

Que eu não era o farol da pureza Real, mas sim o lobo vestido como cordeiro sacrificial.

Não cumpriria simplesmente o acordo que o Rei Roderick havia feito: eu acabaria com ele antes que destruísse meu reino.

Determinação aqueceu meu peito como acontecia sempre que usava meu dom. Aquele era meu destino. Meu objetivo. O que eu fazia era maior do que eu. Era por Lasania.

Então fiquei sentada ali, com os tornozelos cruzados recatadamente sob o vestido e as mãos relaxadas nos braços do trono enquanto esperava.

E esperava mais um pouco.

Os segundos se transformaram em minutos. Não sabia quanto tempo havia se passado, mas senti um nó de desconforto no estômago. Ele havia sido convocado ao *seu* Templo. Não deveria... não deveria estar ali?

Minhas palmas começaram a suar conforme o nó crescia, subindo até o peito. A pressão aumentou.

E se ele não aparecer? Mas por que não o faria? Era o acordo dele.

Quando o Rei Roderick se desesperou o suficiente a ponto de fazer *qualquer coisa* para recuperar suas terras devastadas pela guerra e salvar aqueles que estavam morrendo de fome depois de sofrer tantas perdas, imagino que esperava que um deus menor respondesse à sua convocação — o que era muito mais comum para aqueles que tinham coragem de fazer algo do tipo. Mas foi um Primordial quem respondeu ao Rei Dourado.

E quando atendeu o pedido do Rei Roderick, esse foi o prêmio que o Primordial da Morte pediu em troca: a primogênita da linhagem Mierel

como sua Consorte.

O Primordial precisava vir.

Mas e se ele não viesse? Meu coração disparou enquanto eu fechava os dedos em torno da pedra gelada do trono.

Inspire. Prenda. Expire. Prenda.

Se ele não chegasse, tudo estaria perdido. Tudo o que ele havia concedido ao Rei Roderick continuaria a ser desfeito. Se não viesse me reivindicar e eu não cumprisse o acordo, acabaria condenando o reino a uma morte lenta graças à Devastação. Aquilo começou no meu nascimento, com um pequeno pedaço de terra em um pomar. Maçãs verdes caíram de árvores que começaram a perder suas folhas. A terra ficou cinza e a grama, junto com as raízes das macieiras, morreu. Então a Devastação se espalhou, consumindo todo o pomar lentamente. Ao longo do tempo, ela arruinou várias fazendas. Nenhuma colheita podia ser semeada no solo e sobreviver depois que fosse contaminada pela Devastação.

E não estava afetando apenas a terra. Mudou o clima também, tornando os verões mais quentes e secos, e os invernos mais frios e imprevisíveis.

O povo de Lasania não fazia ideia de que a Devastação era um relógio em contagem regressiva. Era a data de validade do acordo que o Rei Dourado havia feito e que começou com o meu nascimento. Havia uma boa chance de que o Rei Dourado não tivesse percebido que a barganha iria expirar, não importava o que acontecesse. Esse conhecimento foi adquirido décadas após o acordo ter sido selado. Se eu falhasse, o reino iria...

Começou com um ruído baixo, como o barulho distante de carroças e carruagens passando pelas ruas de paralelepípedo da Carsodônia. Mas o som aumentou até que pude senti-lo no trono onde estava sentada — e em meus ossos.

O estrondo cessou e as velas, *todas elas*, se apagaram, mergulhando a câmara na mais profunda escuridão. Uma brisa com cheiro de terra soprou as bordas do véu ao redor do meu rosto e a bainha do meu vestido.

Em uma onda, chamas faiscaram das velas, subindo em direção ao teto inclinado. Fixei o olhar no corredor central, onde o próprio ar se abriu, cuspidando uma luz branca e crepitante.

Uma névoa saiu da fenda, lambendo o assoalho de pedra e deslizando em direção aos bancos. Um calafrio percorreu toda minha pele em resposta. Algumas pessoas chamavam a névoa de Magia Primordial. Era o éter, a

essência potente que criou o plano mortal e o Iliseu e que corria nas veias de um deus, dando até mesmo aos menores e desconhecidos um poder inimaginável.

Pisquei os olhos. Foi tudo o que fiz. Em um *piscar de olhos* o espaço na frente do estrado não estava mais vazio. Havia um homem ali, vestido com capa e capuz, e cercado por fios vibrantes e agitados de sombras profundas entremeadas a faixas prateadas e luminosas. Não me permiti pensar no que Tavius havia dito sobre ele. *Não podia*. Em vez disso, tentei enxergar através das sombras esfumaçadas. Tudo o que pude ver foi que ele era incrivelmente alto. Mesmo de onde estava, percebi que se ergueria acima de mim — e eu não era baixa, de forma alguma. Pelo contrário: tinha quase a mesma altura de Tavius. Contudo, ele era um Primordial, e, nas histórias escritas a seu respeito, eles costumavam ser chamados de gigantes entre os mortais.

Parecia ter ombros largos. Pelo menos foi o que pensei que fosse aquela massa de escuridão profunda e espessa que tinha a forma de... *asas*. Ele inclinou a cabeça encapuzada para trás.

Esqueci os exercícios de respiração na mesma hora. Não conseguia ver o rosto dele, mas senti a intensidade do seu olhar me atravessar e, por um breve instante de pânico, temi que soubesse que não havia passado dezessete anos me preparando para me tornar sua Consorte. Que minha tutela foi além disso. É que o encanto e *submissão* que me ensinaram não passavam de outro véu que eu usava.

Por um momento, meu coração parou enquanto me sentava no trono destinado à Consorte das Terras Sombrias, uma das Cortes do Iliseu. Olhei para o Primordial da Morte e pela primeira vez na vida senti verdadeiro terror.

Os Primordiais não conseguiam ler os pensamentos dos mortais. Lá no fundo, onde ainda restava um pouquinho de inteligência, eu sabia disso. Não havia nenhum motivo para que ele suspeitasse que eu fosse outra coisa além do que parecia ser. Mesmo que tivesse me visto crescer ao longo dos anos ou se espões tivessem sido enviados a Lasania, minha identidade, ascendência e linhagem haviam sido ocultadas. Ninguém sabia que *existia* uma princesa de sangue Mierel. Tudo o que fiz foi realizado em calculado sigilo, desde o treinamento com Sir Holland até o tempo passado com as Amantes de Jade.

Não havia como ele saber que, nos duzentos anos que levei para nascer, o conhecimento sobre como matar um Primordial tinha sido obtido.

Amor.

Eles tinham uma fraqueza letal que os tornava vulneráveis ao ponto de poderem ser mortos: o amor.

Faça-o se apaixonar, torne-se sua fraqueza e acabe com ele. Aquele era meu destino.

Controlando meu coração acelerado, relembrei as horas passadas com minha mãe aprendendo o que seria esperado de mim enquanto Consorte: como me mover, falar e agir em sua presença. Como me tornar o que ele desejava. Estava pronta para isso, estivesse ele ou não coberto da cabeça aos pés pelas escamas das bestas aladas que protegiam os Primordiais.

Relaxe os dedos, desacelerei a respiração e permiti que meus lábios se curvassem em um sorriso tímido e inocente. Fiquei de pé sob o brilho da luz das velas com as pernas dormentes. Entrelacei as mãos frouxamente sobre a cintura para que nada ficasse escondido dele, assim como minha mãe havia me instruído. Comecei a me ajoelhar como de costume ao cumprimentar um Primordial.

A agitação do ar foi o único aviso que recebi de que o Primordial havia se movido.

O choque silenciou o suspiro de surpresa antes que chegasse aos meus lábios. De repente, ele estava diante de mim. Havia pouco mais do que meros centímetros entre nós. A luz rodopiante ondulava o ar ao meu redor. Ele parecia *frio*, como os invernos ao norte e a leste dali. Como os invernos em Lasania se tornavam a cada ano que passava.

Não sei ao certo se continuava respirando enquanto olhava para o vazio onde seu rosto deveria estar. O Primordial da Morte se aproximou e um dos fios de sombra roçou na pele nua do meu braço. Arfei ao sentir o toque gélido. Ele inclinou a cabeça e todos os músculos do meu corpo se retesaram. Não sei se foi por causa da sua presença ou do instinto inato que nos dizia para não correr, não fazer movimentos bruscos na presença de um predador.

— Você — disse ele, com uma voz de fumaça e sombras e cheia de tudo o que havia depois que alguém dava seu último suspiro. — Eu não preciso de uma Consorte.

Meu corpo inteiro estremeceu, e eu sussurrei:

— O quê?

O Primordial recuou, com as sombras se retraindo ao seu redor. Ele sacudiu a cabeça. O que ele quis dizer com aquilo?

Dei um passo à frente.

— O quê...? — perguntei outra vez.

O vento soprou novamente, às minhas costas dessa vez, lançando a câmara na escuridão conforme as velas se apagavam. O estrondo foi mais fraco do que antes, mas não ousei me mexer, sem fazer ideia de onde ele estava. Não sabia nem onde era a beira do estrado. O cheiro de terra desapareceu e as chamas retornaram lentamente para as velas, brilhando fracamente.

O Primordial não estava mais na minha frente.

Tênuos fios de éter surgiram da abertura agora selada no assoalho. Ele havia desaparecido.

O Primordial da Morte havia partido sem me levar, e, numa parte profunda e oculta dentro de mim, o alívio brotou, esvaindo-se em seguida. Ele não havia cumprido o acordo.

— O que... o que aconteceu? — A voz da minha mãe me alcançou, e, quando olhei para cima, vi que ela estava diante de mim. — O que aconteceu?

— Eu... eu não sei. — Pânico cravou suas garras em mim quando me virei para encará-la, envolvendo o corpo com os braços. — Eu não entendo.

Seus olhos estavam arregalados e espelhavam a tempestade que se formava dentro de mim enquanto sussurrava:

— Ele falou com você?

— Ele disse... — Tentei engolir, mas senti um nó na garganta. Os cantos da minha visão ficaram brancos. Nenhum exercício de respiração poderia desfazer a sensação alarmante que se instalou em mim. — Não entendo. Eu fiz tudo...

A dor ardente do tapa da minha mãe foi como um choque. Não estava esperando por isso. Sequer havia me preparado para que ela fizesse algo do tipo. Pressionei a mão trêmula na bochecha, parada ali, perplexa e sem conseguir compreender o que *havia* acontecido, o que *estava* acontecendo.

Os olhos escuros dela estavam ainda mais arregalados agora, sua pele de uma palidez assustadora.

— O que você fez? — Ela levou a mão de encontro ao peito. — O que você fez, Sera?

Eu não havia feito nada. Só o que haviam me ensinado. Mas não consegui lhe dizer isso. Não consegui dizer nada. As palavras me escaparam como se algo tivesse se despedaçado dentro de mim, murchado.

— *Você* — minha mãe sibilou. Embora sua voz não fosse feita de fumaça e sombras, era igualmente definitiva. Seus olhos cintilaram. — Você falhou conosco. E agora tudo, *tudo*, está perdido.



Capítulo 1

Três anos depois...

O Lorde do Arquipélago de Vodina desfilou pelo centro do Salão Principal do Castelo Wayfair, com a batida suave e firme das botas polidas ecoando o tamborilar silencioso dos meus dedos na coxa. Era bonito de um jeito rústico, com a pele bronzeada pelo sol e os braços definidos por empunhar a pesada espada que carregava no quadril. O sorriso no rosto de Lorde Claus, a inclinação arrogante de sua cabeça loura e o saco de estopa que carregava me disseram tudo que eu precisava saber sobre como aquilo iria se desenrolar, mas nenhum dos presentes se mexeu ou deu um pio.

Não os Guardas Reais postados em uma fileira rígida diante do estrado, elegantemente adornados. Estavam ridículos. Uma franja dourada caía dos ombros volumosos dos coletes cor de ameixa, combinando com as calças. Os casacos de lapela e calças grossas eram muito pesados para o verão quente da Carsodônia e não permitiam movimentos flexíveis como a túnica e os calções simples que os guardas e soldados de baixa patente usavam. O uniforme evocava um *privilégio* que não havia sido conquistado com as espadas guardadas nas bainhas incrustadas de osso e pedra.

Não houve nenhuma movimentação no estrado onde a Rainha e o Rei de Lasania estavam sentados em seus tronos de diamante e citrino, observando o Lorde que se aproximava. As coroas de folhas douradas em suas cabeças brilhavam sob a luz das velas e, enquanto os olhos do meu padraсто exibiam um brilho febril de esperança, os da minha mãe não

expressavam absolutamente nada. De pé ao lado do Rei, o herdeiro do reino parecia estar em algum lugar entre quase adormecido e entediado com a responsabilidade que exigia sua presença. Conhecendo Tavius, sei que ele preferiria ter bebido pelo menos três canecas de cerveja a essa altura da noite e estar entre as pernas de uma mulher.

A Rainha Calliphe quebrou o silêncio tenso, sua voz nítida no ar quente e pesado repleto do cheiro de rosas:

— Não esperava que você respondesse à proposta que nosso Conselheiro fez à sua Coroa. — Seu tom era inconfundível. A presença do Lorde do Arquipélago de Vodina era um insulto. Ele não era da Realeza, e suas ações eram óbvias: ele não se importava. — Você fala em nome do seu Rei e da sua Rainha?

Lorde Claus parou a alguns metros da Guarda Real com o olhar inabalável fixo para cima. Não respondeu enquanto desviava o olhar do estrado para as alcovas com colunas. Ao meu lado, Sir Holland, um cavaleiro da Guarda Real, ficou tenso e segurou a espada na cintura com firmeza quando o escrutínio do Lorde passou por mim e então voltou.

Devolvi seu olhar, um ato pelo qual certamente seria repreendida mais tarde, mas poucas pessoas em todo o reino sabiam que eu era a última descendente da linhagem Mierel, uma Princesa. E sabiam ainda menos que eu era a Donzela prometida ao Primordial da Morte. Aquele Lorde presunçoso sequer sabia que a única razão pela qual estava aqui era porque eu havia falhado com Lasania.

Embora estivesse entre as sombras, o escrutínio compenetrado e lento de Lorde Claus foi como uma carícia suada, demorando-se na pele nua dos meus braços e no decote do corpete antes de alcançar meus olhos. Ele franziu os lábios e me soprou um beijo.

Arqueei a sobrancelha. O sorriso dele sumiu.

A Rainha Calliphe notou o alvo de sua atenção e se retesou.

— Você fala em nome da sua Coroa? — repetiu.

— Sim. — Lorde Claus voltou sua atenção para o estrado.

— E tem uma resposta? — perguntou a Rainha enquanto uma mancha cor de ferrugem se espalhava pelo fundo do saco de estopa. — Sua Coroa aceita nossa lealdade em troca de ajuda?

Dois anos de colheitas. Mal dava para complementar as perdas da fazenda para a Devastação.

— Aqui está sua resposta. — Lorde Claus lançou o saco à frente.

Ele atingiu o mármore com um baque estranhamente *úmido* antes de rolar pelo ladrilho. Algo redondo saiu do saco, deixando para trás um rastro de respingos de *sangue*. Cabelos castanhos. Uma tez medonhamente pálida. Faixas irregulares de pele. Osso decepado.

A cabeça de Lorde Sarros, Conselheiro da Rainha e do Rei de Lasania, ricocheteou na bota de um Guarda Real.

— Bons deuses! — exclamou Tavius, dando um passo para trás.

— Essa é nossa resposta à sua oferta medíocre de lealdade. — Lorde Claus recuou um passo, levando a mão ao punho da espada.

— Hmm — resmungou Sir Holland enquanto vários Guardas Reais pegavam suas armas. — Por essa eu não esperava.

Olhei em sua direção, captando o que imaginei ser um indício de divertimento mórbido nos traços de sua pele negra.

— Já chega! — ordenou o Rei Ernard, levantando a mão. A Guarda Real parou.

— Por *essa* eu esperava — acrescentou Sir Holland baixinho.

Cerrei o maxilar para não fazer algo incrivelmente inapropriado. Concentrei-me na minha mãe. Não havia sequer um lampejo de emoção no rosto da Rainha sentada ali, com o pescoço tenso e o queixo erguido.

— Um simples *não* teria bastado — declarou.

— Mas teria o mesmo impacto? — retrucou Lorde Claus, com aquele sorrisinho voltando aos lábios. — A lealdade de um reino falido não vale um dia de colheita. — Ele olhou para a alcova e continuou recuando. — Mas se você acrescentar aquela belezinha ali ao acordo, posso ser convencido a fazer um apelo à Coroa de Vodina em seu nome.

O Rei segurou o apoio para braços do trono com força enquanto a Rainha Calliphe dizia:

— Minha aia não faz parte do acordo.

Tal como minha mãe, não demonstrei nenhuma emoção. Nada. Aia. Criada. Não filha.

— Que pena. — Lorde Claus subiu a pequena escada até a entrada do Salão Principal. Com a mão no punho da espada, sua reverência elaborada era tão zombeteira quanto o que se derramou de seus lábios bem delineados. — Benditos sejam em nome dos Primordiais.

O silêncio respondeu a ele, que deu meia-volta e saiu do Salão Principal. Sua risada se infiltrou no corredor de modo tão inebriante e enjoativo quanto as rosas.

A Rainha Calliphe inclinou o corpo para a frente e olhou na direção da alcova. Seu olhar encontrou o meu, e uma estranha mistura de emoções me invadiu. Amor. Esperança. Desespero. Raiva. Não me lembrava da última vez que ela havia me encarado, mas o fez agora, o que me deixou ainda mais apreensiva.

— Mostre a ele a belezinha que você é — ordenou, e Sir Holland praguejou baixinho. — Mostre a todos os Lordes do Arquipelago de Vodina.

Um sentimento de tristeza quase sufocante se instalou na minha garganta, mas bloqueei-o antes que pudesse se reproduzir e assumir vida própria. Bloqueei tudo conforme soltava o ar lentamente. Como nas incontáveis vezes anteriores, o vazio penetrou minha pele. Concordei com a cabeça, acolhendo o vazio que tomava conta dos meus músculos e penetrava meus ossos. Deixei que o vazio invadisse meus pensamentos até que não me lembrasse mais de quem era. Até que ficasse como aqueles pobres espíritos perdidos que vagavam pelos Olmos Sombrios. Um receptáculo vazio outra vez cheio de propósito. Era como vestir o Véu dos Escolhidos. Então assenti e saí dali sem dizer uma palavra sequer.

— Você deveria tê-la dado ao Lorde — comentou Tavius. — Ao menos assim ela nos faria algum bem.

Ignorei os comentários cáusticos do Príncipe e passei rapidamente pelas alcovas, com as saias do vestido farfalhando ao redor dos saltos baixos das botas ao sair do Salão Principal.

O corredor estava estranhamente quieto. Estendi a mão e levantei o capuz preso à gola do vestido. Coloquei-o no lugar, um gesto condicionado mais pelo hábito do que por qualquer coisa. A maioria das pessoas que trabalhava no Castelo Wayfair me conhecia simplesmente como a Rainha me chamara: uma aia. Para a maioria fora do castelo, minhas feições eram as de uma desconhecida, tal como quando usava o véu de Escolhida.

Passei pelas enormes flâmulas cor de malva que adornavam as paredes. Elas ondularam, sopradas pela brisa quente que entrava pelas janelas abertas. No centro de cada flâmula, o Brasão Real dourado reluzia sob a luz do lampião.

Uma coroa de folhas douradas com uma espada no meio.

O brasão deveria representar força e liderança. Para mim, parecia que alguém havia sido apunhalado no crânio. Não era possível que eu fosse a única a pensar nisso.

Passei pelos Guardas Reais nos portões que davam para o muro voltado para o Mar de Stroud, onde sabia que o navio estaria esperando para retornar ao Arquipélago de Vodina. Passei pelos estábulos, atravessei o pátio e saí pelo portão pequeno e estreito, raramente usado, pois levava a uma trilha menos percorrida através dos penhascos com vista para a Cidade Baixa — uma seção lotada de armazéns e antros que atendia aos estivadores e marinheiros.

Sob o luar, segui pelo caminho íngreme, ziguezagueando em direção às velas vermelho-escuras que avistei acima dos navios atarracados e quadrados com o brasão de Vodina. Uma serpente marinha de quatro cabeças.

Deuses! Como eu detestava cobras! Tivessem uma ou quatro cabeças.

Considerando o que Lorde Sarros havia dito antes do infeliz incidente de ter a cabeça arrancada, uma pequena tripulação viajava com Lorde Claus: outros três Lordes.

O cheiro salgado de maresia preencheu o ar e umedeceu minha pele quando cheguei ao nível do solo e entrei em um dos becos entre os prédios escuros e silenciosos. As solas das minhas botas não faziam barulho contra o chão de pedra rachada. Andei em direção à beirada de um prédio na esquina do navio de Vodina, com a bainha do vestido esvoaçando silenciosamente ao meu redor. Anos de treinamento intensivo com Sir Holland garantiram que meus passos fossem leves e meus movimentos, precisos. O quase silêncio com que eu era capaz de me mover era um dos motivos pelos quais alguns dos empregados mais antigos temiam que eu não fosse de carne e osso, mas algum tipo de fantasma. Às vezes, parecia que eu não passava do vislumbre de um espectro, não totalmente encarnada.

Hoje era uma dessas noites.

A cerca de três metros das docas, parei e esperei. Marinheiros e trabalhadores passaram diante da entrada do beco, alguns correndo e outros já tropeçando. Deslizei a mão pela fenda do vestido na altura da coxa, fechando os dedos em torno do cabo da adaga. O ferro se aqueceu ao meu toque, tornando-se parte de mim. Senti a ponta da lâmina logo acima da

bainha. Pedra das sombras. Adagas de pedra das sombras eram raras no plano mortal.

Uma porta se abriu na rua. Risos roucos escaparam, seguidos por risadas estridentes. Olhei para a frente, imóvel nas sombras enquanto pensava na minha mãe, na minha *família*. Eles já deviam ter ido para o salão de banquetes, onde compartilhariam comida e conversa, fingindo que o Lorde do Arquipélago de Vodina não havia acabado de devolver seu Conselheiro sem o corpo. Fingindo que isso não era mais um sinal de que o reino estava à beira de um colapso. Eu nunca, nem sequer uma vez, havia jantado com eles. Nem mesmo antes de falhar. Aquilo não me incomodava antes. Ao menos não com frequência, porque eu havia sido *Escolhida*. Tinha um objetivo.

Eu não preciso de uma Consorte.

As coisas ficaram difíceis depois disso. Mas quando fiz dezoito anos? Fui mais uma vez velada e envolta naquela mortalha transparente de vestido e levada para o Templo das Sombras enquanto eles invocavam o Primordial da Morte.

Ele não apareceu.

As coisas ficaram ainda mais difíceis quando fiz dezenove. E então, há seis meses, quando fiz vinte anos e fiquei sentada no trono com aqueles malditos véu e vestido pela terceira vez? Eles o convocaram novamente e, mesmo assim, ele não veio. Foi então que tudo mudou. Não sabia o que era *difícil* até o momento.

Antes, eles sempre mandavam as refeições para o meu quarto: café da manhã, um pequeno almoço e depois o jantar. Após a primeira convocação, isso mudou. Começaram a pular as entregas. Menos comida era enviada. Mas depois da última convocação, eles passaram a não mandar mais nada para os meus aposentos. Eu precisava saquear a cozinha durante o curto período de tempo em que poderia encontrar alguma comida que valesse a pena ser consumida. Mas podia lidar com isso, assim como com a falta de outros itens de necessidade básica e de roupas novas para substituir as velhas. Muitas pessoas em Lasania tinham ainda menos do que eu. A pior parte era que minha mãe quase não havia falado comigo nos últimos três anos. Ela mal olhava para mim, a não ser em noites como aquela, quando queria enviar uma mensagem. Havia semanas em que eu sequer a via e, embora sempre tivesse sido distante, ainda passava algum tempo com ela

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma sombra na brasa | Livro um | Série..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).